

PARECER: ANEXO I DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA “DOUTORA RITA LOBATO VELHO LOPES”

Lamartine de Andrade Lima¹
Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, Bahia

No dia 7 de Outubro de 2010, através de Despacho do Ilmo. Sr. Prof. Dr. José Tavares-Neto, Diretor da FMB/UFBA, sobre o Processo UFBA nº. 23066.013976/10-38, que tem como assunto a proposta que a Magnífica Reitora da UFBA, Profa. Dra. Dora Leal Rosa, apresentou oralmente, após participar da Reunião da Congregação desta Faculdade, no dia 5 de Outubro de 2010, de o atual prédio da FMB/UFBA no *Campus* do Canela receber a denominação de Anexo ou Pavilhão de Aulas da Faculdade de Medicina da Bahia “Doutora Rita Lobato Velho Lopes”, fui honrado com a designação para ser o Relator.

A iniciativa da proposta é muito louvável, pois principia a homenagem justíssima à memória da primeira brasileira formada em curso superior numa escola de Medicina no Brasil, diplomada pela Faculdade de Medicina da Bahia.

É muito longa a história de como a mulher, através dos tempos, conseguiu obter a formação superior e o diploma em Medicina. Em rápidos traços, sabe-se que na Antiguidade havia devoção às deusas protetoras da Medicina, como Isis, no Egito, e Saravaste, na Índia. Houve famosas parteiras hebraicas, assim Ponah e Siphra. E notáveis parteiras romanas, chamadas Cleópatra, Salpe e Laís. Na Idade Média, o ofício de parteira era oficialmente regulamentado por ordenações especiais e legalizado pelo exame de uma comissão de físicos nas comunidades e elas eram intituladas comadres (co=também+madre=mãe) ou matronas (madre=mãe+ona=mais velha). No Século XII, sem haver cursado escola médica, a monja Hildegarda foi a primeira mulher a escrever um texto médico, denominado “*Causas das doenças e métodos de tratá-las*”. No Século XIII, instituiu-se na Universidade de Salerno, o título de bacharel, com dois anos de estudos, o título de licenciado, com três anos de estudos, e o título de físico ou mestre, com cinco anos de estudos, e, após exames de provas, o título de doutor em Medicina, sempre outorgado solenemente diante dos docentes, o doutorando com vestes negras de mangas compridas e talares, botinas também pretas, gola branca de cendal de bacalaureato, murça e capa vermelhas e anel de grau, diante de altar e ao som dos sinos de uma igreja católica; ali, na Península Itálica, u`a mulher, Trótula, nos anos mil e duzentos, não se sabe se com solenidade, foi a primeira médica diplomada da História. No século XIV, a

Universidade de Paris permitiu, em 1311, a diplomação de mulheres como cirurgiãs, que não estudavam os textos científicos privativos dos médicos clínicos, profissionais que juravam, em latim, jamais praticar a cirurgia (quiros=mão+ergos=trabalho) ou operar com ferro e fogo. A reabilitação da cirurgia veio com os árabes, através de Abul-Cassis, médico do califa Abderrahman, na Península Ibérica; dois séculos depois, foi continuada por Saliceto de Bolonha, também na Península Itálica, e reconhecida oficialmente pelo Imperador Carlos V da Alemanha e I da Espanha, senhor do Sacro Império Romano-Germânico. No Século XVIII, os médicos e cirurgiões começaram a exercer a Obstetrícia, até então reservada às parteiras. Naquele século, em 1754, foi diplomada a primeira médica da Europa Continental, na Alemanha, na Universidade de Halle, a Doutora Dorothea Christina Erxleben. No Século XIX, no ano de 1812, foi diplomada a primeira médica das Ilhas Britânicas, pela Universidade de Edimburgo, todavia disfarçada de homem e com o nome de James Miranda Stuart Barry, e assim exerceu a profissão, tendo o seu sexo revelado após a morte, em 1865. No ano de 1849, foi diplomada a primeira médica da América do Norte, em Nova Iorque, no “Genova College”, a Doutora Elizabeth Blackwell. No ano de 1881, foi diplomada a primeira pessoa a receber bolsa para estudos médicos no exterior a expensas do Imperador Dom Pedro II, a primeira médica brasileira e sul-americana titulada por uma escola superior estrangeira, pelo “New York Medical College and Hospital for Women”, e a primeira mulher a revalidar um diploma de Medicina no Brasil, a Doutora Maria Augusta Generoso Estrela. Em 1882, foi diplomada a primeira médica da Península Ibérica, na Espanha, em Madrid, a Doutora Martina Castello y Bellasti. No ano de 1886, foi diplomada a primeira médica da América do Sul por uma escola superior sul-americana, a Faculdade de Biologia e Ciências Médicas da Universidade do Chile, em Santiago, a Doutora Eloiza Diaz Inzunza. Em 1887, foi diplomada a primeira médica no Brasil que fez a sua formação em uma escola superior brasileira, na Faculdade de Medicina da Bahia, e a segunda médica titulada na América do Sul, a Doutora Rita Lobato Velho Lopes. No ano de 1889, foi diplomada a primeira médica da Argentina e terceira médica titulada na América do Sul, pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Buenos Aires, a Doutora Cecília Guieron. E, finalmente, já no século XX, em 1908, foi diplomada a primeira médica no Uruguai, pela Faculdade de Medicina de Montevidéu, a Doutora Paulina Luisi.

A Doutora Rita Lobato Velho Lopes nasceu, prematura de sete meses, em São Pedro do Rio Grande, na então Província do Rio Grande do Sul, às 19h30min da quinta-feira, dia 09

¹ Relator - na Congregação de 16 de Novembro de 2010. Professor Honorário da Faculdade de Medicina da Bahia; e Presidente Emérito do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins. C-elo: lamartine.lima@terra.com.br.

de junho de 1866, filha de gaúchos, o empresário de charqueada Sr. Francisco Lobato Lopes, nascido em 1833 e casado em 1858 com a Sra. Rita Carolina Velho Lopes, nascida em 1843, sendo neta paterna do português Sr. Manoel Antonio Lopes, casado com a gaúcha Sra. Joaquina Correia Lobato Lopes, e neta materna dos gaúchos Sr. Matias José Velho, filho de ingleses, casado com a Sra. Luciana Francisca Gonçalves da Terra Velho, descendente de espanhóis. Foi o quinto rebento do casal, a segunda mulher, e depois teria mais nove irmãos. Recebeu o prenome da mãe em batismo católico, aos 11 meses de idade, na Matriz de Nossa Senhora do Carmo de São Pedro do Rio Grande, no dia de sexta-feira 10 de maio de 1867. Fez os estudos primários em Areial, os secundários em Pelotas, e os preparatórios em Porto Alegre, na sua província de origem. Aos 17 anos, perdeu a genitora, que tinha 41 anos de idade, de hemorragia depois do 14º parto, no ano de 1883. Seu pai, com 51 anos, não mais se casou, dedicando-se à educação dos 13 filhos, e faleceria aos 65 anos de idade, na Cidade do Rio Grande, em 1898. Por motivo de seus estudos, sendo três da área de saúde – Rita, em Medicina, Antonio e Matias, em Farmácia, porém mais tarde eles seriam diplomados em Medicina no Rio – transferiu-se, em 1884, com cinco filhos e três escravos, para a Capital do Império, a Corte, onde os matriculou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Naquele estabelecimento de ensino, por motivo de ter ocorrido uma desavença com desforço físico, causada por discussão entre seus filhos homens e alguns professores, a respeito da Reforma Felipe Franco de Sá, daquele ano, que alterava o regulamento das escolas superiores, o Sr. Francisco Lobato Lopes resolveu trazer os seus filhos, inclusive Rita, que estava no segundo ano médico, para a Faculdade de Medicina da Bahia. Vieram para a Cidade do Salvador, onde residiram durante o período de 1885, quando aqui morreu de varíola, aos 11 anos de idade, o filho José, continuando em 1886 e 1887. Moraram inicialmente na Rua do Jogo do Carneiro, vizinhos do Professor Manoel Joaquim Saraiva, catedrático de Higiene e História da Medicina da Faculdade do Terreiro de Jesus, e depois habitaram na Rua do Sodré, no mesmo solar histórico de Jerônimo Sodré Pereira, onde morrera o Professor Antonio José Alves, catedrático de Cirurgia da Faculdade de Medicina da Bahia e pai do maior poeta das Américas, o também ali falecido jovem Antonio Frederico de Castro Alves. O quarto que fora do poeta 15 anos antes foi destinado para a acadêmica Rita, que ali passou o seu tempo de estudante acadêmica, até receber o diploma de médica, na turma de 1887, aos 21 de idade. Logo ela voltou, com o pai e os irmãos, para a terra da sua família, o Rio Grande do Sul, onde exerceria a especialidade da profissão durante quatro décadas. Casou, em 1889, aos 23 anos, com o seu primo e primeiro namorado, o comerciante Sr. Antonio Maria Amaro de Freitas, de 28 anos de idade, o que a fez mudar o nome para Rita Lobato Freitas; com ele teve uma única filha, de nome Isis Lobato Freitas Silveira, casada com o primo Sr. Mario Amaro da Silveira, que lhes deram os netos Antonio Maria, Auta Teresa e Maria Antonieta. No ano de 1910, foram assistir as comemorações do centenário da

independência da República Argentina e ali a Doutora Rita resolveu fazer estágio da especialidade em Buenos Aires, durante cinco meses. Gozaram de um casamento feliz por 37 anos, até que o marido faleceu, aos 65 anos de idade, em 1926. Nas eleições de 1934, ela, aos 67 anos de idade, candidatou-se e foi eleita a primeira vereadora de Rio Pardo, no seu Estado natal, havendo o seu mandato sido encerrado pelo golpe do Estado Novo de Getúlio Vargas, em 1937. Desde então se recolheu ao lar, naquela cidade, aonde veio a falecer, cercada pela filha, o genro e os netos, aos 88 anos de idade, no dia 6 de Janeiro de 1954.

A Doutora Rita Lobato Velho Lopes ainda criança revelou a sua mãe que gostaria de ser médica, como era o clínico de sua família, um italiano chamado Doutor Romano. Mais tarde, com o falecimento da sua genitora em decorrência de choque hipovolêmico consequente de hemorragia pós-parto, o médico Doutor José Leôncio de Medeiros, de Rio Pardo, não havendo podido chegar à Estância Santa Vitória, no mesmo município, em tempo de poder salvá-la; chocada, decidiu-se a filha a cursar Medicina e dedicar-se à Obstetrícia. Até o ano de 1879 a legislação brasileira não permitia à mulher cursar qualquer curso superior no País. Então, as duas únicas escolas médicas no Brasil, a primeira, da Bahia, e a segunda, do Rio de Janeiro, criadas ambas no ano de 1808, já haviam ficado submetidas a quase uma dúzia de leis e decretos de reformas: em 1812, a de Vicente Navarro de Andrade; em 1813, a de Manoel Luiz Álvares de Carvalho; em 1832, a de José Lino Coutinho; em 1836 e em 1841, as de Inácio Borges; em 1837, a de Antonio Ferreira França; mais uma, em 1851; em 1854, a do Barão do Bom Retiro; em 1865, a de Liberato Barroso; em 1871, a de João Alfredo; mais outra, em 1875. Todavia, foi o Decreto no. 7247 de 19 de abril de 1879, a Reforma Leôncio de Carvalho, que permitiu à mulher o direito de cursar as faculdades e obter o grau acadêmico no Brasil. Assim, concluídos os exames preparatórios, a moça bonita, estatura mediana, branca, cabelos castanhos claros penteados em duas tranças e franjas frontais, olhos azuis, nariz algo arrebitado, cheinha de corpo em suas vestes sempre de tons escuros, documentou-se e foi levada pelo pai, em 1884, para matricular-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. No segundo ano do curso médico, já havendo sido aprovada em algumas cadeiras, transferiu-se, em 1885, para a Faculdade de Medicina da Bahia, onde tomou por método inscrever-se para cursar o máximo de disciplinas possível, inclusive estudando durante as férias, para prestar provas sobre matérias mais adiantadas, o que permitia a Reforma Franco de Sá, do ano de 1884, contra a qual os seus irmãos haviam brigado no Rio de Janeiro. Assim, ela conseguiu galgar dois anos no seu currículo de aluna, alcançando concluir em apenas quatro anos o curso previsto para seis anos. Durante o tirocínio acadêmico fez amizade com as famílias de alguns de seus mestres, principalmente os Professores Manoel Joaquim Saraiva, Antonio Pacífico Pereira, Manoel Vitorino Pereira, Antonio Cerqueira Pinto, Manoel José de Araújo e José Pedro de Souza Braga. Preferia estudar ora com os irmãos em casa, ora na “Bibliotheca”

da Faculdade de Medicina da Bahia, com entrada pela Rua das Portas do Carmo e acervo de mais de 9.500 volumes, muitos dos quais utilizou, juntamente com outras obras emprestadas por aqueles docentes, para o embasamento teórico da primeira tese de doutoramento que foi defendida por u´a mulher no Brasil. Às 10h30min da quinta-feira, dia 24 de novembro de 1887, em uma sala da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, depois que a Comissão Revisora, composta pelos Professores Augusto Freire Maia Bittencourt, Fortunato Augusto da Silva Júnior e Anísio Circundes de Carvalho, considerou a sua tese de 84 páginas, intitulada “*Paralelo entre métodos preconizados na operação cesariana*” – na qual estudou as intervenções cirúrgicas para histerotomotoquia pelas técnicas de Levret, Roussel, Lauvergat, Stein, Delenoye, Eduardo Porro e a então recente operação de Saenger-Leopold – escrita de acordo com os Estatutos da Faculdade, diante de numerosa e curiosa assistência, ela foi questionada, ao descer da areia de uma ampolheta por um quarto de hora para cada um dos membros, a começar pelo mais moderno da Comissão Arguidora integrada pelo Professor José Afonso Paraízo de Moura, como presidente, tendo como membros examinadores os Professores Adriano Alves de Lima Gordilho - Barão de Itapoan, Antonio Pacifico Pereira, José Pedro de Souza Braga e Climério Cardoso de Oliveira, este que começou as perguntas, aos quais ela ofereceu respostas brilhantes de cultura médica e mereceu ser aprovada unanimemente com distinção. Às 09h da manhã do dia 10 de dezembro de 1887, tendo música de fundo tocada por uma banda militar, começou a solene cerimônia de Colação de Grau dos 60 doutorandos em Medicina, que tiveram como seu orador o acadêmico Coriolano Barreto Burgos, e foram paraninfados pelo Professor Manoel José de Araújo, constituindo a 71ª turma formada e diplomada pela Faculdade de Medicina da Bahia. Depois da missa diante do altar da Virgem Santíssima e de Santo Inácio de Loiola na Capela de São Estanislau Kostka, dentro do prédio e próxima do Salão Nobre da Faculdade de Medicina da Bahia, onde aconteceu a solenidade da Conferência de Grau diante dos membros da Congregação em vestes talares e convidados de roupas escuras, notadamente o Presidente da Província Conselheiro Professor Doutor João Capistrano Bandeira de Melo, que era catedrático da Faculdade de Direito do Recife, Pernambuco, a doutoranda Rita Lobato Velho Lopes, sempre trajada de capelo negro com borla branca e beca preta, ajoelhada, fez solenemente os seus votos com a mão direita sobre os *Santos Evangelhos*, ato que seria abolido em 1889, com a República, e depois, novamente com a palma sobre o livro dos *Aforisma de Hipócrates*, recitou o juramento médico, após o que recebeu o simbólico anel de ouro com pedra de esmeralda, adotado pela Faculdade desde 1856, no seu caso um anel com chuveiro de brilhantes, presente de seu pai, e o diploma de Doutora em Medicina, com a fita de cores nacionais adotada pela Faculdade desde 1836, mais um exemplar das obras hipocráticas, das mãos do Diretor Interino Conselheiro Professor Doutor

José Afonso Paraízo de Moura, substituto eventual daquele que assinou o título médico, Conselheiro Professor Doutor Ramiro Afonso Monteiro. Na tarde daquele dia, em homenagem à filha doutora, o Sr. Francisco Lobato Lopes entregou a carta de alforria a sua escrava negra Clarinda. À noite, promoveu um baile em sua residência, no Solar do Sodré. Hoje, o diploma da Doutora Rita Lobato Velho Lopes encontra-se colocado em destaque na parede da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus. E no centenário de seu nascimento a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos emitiu um selo comemorativo da primeira médica diplomada no Brasil.

As pesquisas documentais e testemunhais procedidas pelo falecido Professor Alberto Silva, da Faculdade de Medicina da Bahia e do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, há mais de meio século, que comprovaram a Doutora Rita Lobato Velho Lopes ter sido verdadeira e irrefutavelmente a primeira médica brasileira diplomada no Brasil como a primeira obstetra formada na Faculdade de Medicina da Bahia e a segunda médica titulada na América do Sul, estão expostas nas 250 páginas do livro de sua autoria “*A primeira médica do Brasil*”, Irmãos Pongetti – Editores, Rio de Janeiro, 1954.

Concluo, portanto, lembrando que, neste ano de 2010, quando pela primeira vez na História do País duas mulheres foram candidatas à suprema magistratura da Nação Brasileira, igualmente com alguns homens, e uma delas foi eleita Presidente da República Federativa do Brasil; quando, pela segunda vez, o reitorado da Universidade Federal da Bahia é exercido por uma mulher; e quando é comemorado o centenário da Maternidade “Climério de Oliveira”, indico a aprovação da proposta de que o prédio da FMB/UFBA no *Campus* do Canela tenha o nome de u´a mulher, obstetra, primeira médica titulada pela Faculdade de Medicina da Bahia e pioneira no Brasil, e seja denominado ANEXO DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA “DOUTORA RITA LOBATO VELHO LOPES”.

Salvador, 16 de Novembro de 2010

Congregação de 16 de Novembro de 2010: parecer aprovado com a seguinte denominação:

ANEXO I
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA
“DOUTORA RITA LOBATO VELHO LOPES”

Conselho Universitário (CONSUNI) de 22 de Novembro de 2010: denominação aprovada por aclamação.